

V SIANCO



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE COGNITIVA 15 a 19 de setembro de 2025

Temática: O campo multirreferencial da Análise Cognitiva: Tendências e desafios na atuação profissional

Organização **Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento**



INTERAÇÕES FORMATIVAS

EIXO TEMÁTICO: Cultura e interseccionalidade

CART(A)GRAFIAS: Tecendo corpo(s)grafias interseccionais para uma educação decolonial e étnico-raciais

Proponentes

- Deysiene Cruz Silva – UFBA/UNEB¹
- Cledineia Carvalho Santos - UNEB²
- Leandro Henrique do Ó Ponzi - UNEB³
- Ana Lúcia Gomes da Silva – UNEB⁴

APRESENTAÇÃO:

A presente interação formativa, como modalidade de oficina, propõe a construção de cartas inspiradas nas epistemologias de mulheres negras como estratégia de enfrentamento ao epistemicídio e à colonialidade acadêmica. A proposta se ancora em práticas pedagógicas que promovam a construção coletiva de saberes por meio de práticas dialógicas, colaborativas e reflexivas, se diferenciando de uma sala de aula expositiva tradicional por colocar os

¹ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC) da UFBA. E-mail: csdeyse@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6564-8690>

² Doutoranda em Difusão do Conhecimento formadora Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB) pela Fundação Getúlio Vargas FGV. E-mail: keucarvalho@yahoo.com.br

³ Mestre pelo Programa de Pós- Graduação em Educação e Diversidade (PPGED/UNEB) e pesquisador do DIFEBA/UNEB. E-mail: henriqueponzi@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-0270-5762>

⁴ Professora da UNEB. Líder do Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (DIFEBA) da UNEB. E-mail: analucias12@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3880-3322>

participantes como protagonistas do processo de aprendizagem, valorizando suas experiências, conhecimentos prévios e subjetividades, portanto uma proposta educação decolonial para relações étnico-raciais.

Compreende-se que este movimento interativo e formativo provoca justiça epistêmica, curricular e racial como estratégias de ruptura com os paradigmas hegemônicos da ciência clássica, contribuindo para o debate sobre a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08. Inspirado ainda nas reflexões de Kabengele Munanga (2023) a proposta traduz a educação étnico-racial como uma ferramenta essencial no enfrentamento ao racismo estrutural, destacando que apenas ela é capaz de atingir os preconceitos introjetados na formação subjetiva dos sujeitos.

Por sua vez, aponta nesta proposta ainda a educação interseccional, como também fundante, uma forma de reconhecer e analisar as múltiplas formas de enfrentar as opressões que se entrecruzam com o silenciamento de mulheres negras e intelectuais na ciência. Ela premissa parte da teorização de mulheres negras como Kimberlé Crenshaw, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Guacira Louro, Patricia Hill Collins, Angela Davis, Suely Messeder e tantas outras, propondo assim uma leitura crítica e interventiva das estruturas coloniais na academia, que reproduzem desigualdades de gênero, raça e geração e contribuem para o acirramento das desigualdades.

OBJETIVOS:

- Estimular reflexões orais sobre teóricas negras que tem provocado uma justiça epistêmica, curricular e racial.
- Produzir cartas autorais para mulheres negras cientistas, escritoras e pesquisadoras, sobretudo mulheres brasileiras.
- Tecer corpo(s)grafias como práticas pedagógicas e interseccionais para uma educação decolonial e étnico-raciais;
- Fortalecer as Leis 10.639/03 e 11.645/08 como estratégia da (in)formação, interseccional e transversal (linha 3, articular ideia)

JUSTIFICATIVA:

A presente proposta nasce da urgência de práticas educativas que enfrentam o racismo estrutural e o epistemicídio, valorizando os saberes de mulheres negras e suas epistemologias.

Conforme Kabengele Munanga (2023), a educação étnico-racial é uma ferramenta essencial para enfrentar os preconceitos introjetados na formação subjetiva dos sujeitos, sendo capaz de provocar rupturas profundas nas estruturas discriminatórias da sociedade. Ao incorporar a perspectiva interseccional, a proposta reconhece as múltiplas formas de opressão que se entrecruzam com o silenciamento de mulheres negras na ciência, a partir das contribuições de autoras como Kimberlé Crenshaw, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Guacira Louro, Patricia Hill Collins, Angela Davis e Suelly Messeder.

Assim, a proposta de oficina interativa se inscreve no contexto do V SIANCO – Seminário Internacional de Análise Cognitiva, um espaço de realização da atividade acadêmica e de pesquisa que se justifica a oferta da oficina interativa pela afinidade “Difusão do conhecimento”, além de seu compromisso com a formação multirreferenciada que contribui para o fortalecimento de práticas educativas decoloniais, interseccionais e antirracistas.

METODOLOGIA:

Compreende-se que esta oficina interativa é, sobretudo, a provocação da escrita criativa no gênero textual de cartas implica o devir da implicação das leis 10.639/03 e 11.645/08, da Lei 12.711/2012, completou 10 anos em 2022, dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela Assembleia Geral das Nações Unidas e, principalmente, da Política Nacional de Equidade, Educação para as Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola (PNEERQ). Importa destacar que, essa é uma proposta reorganizada e entrelaçada a partir da vivência de estágio doutoral de uma das autoras junto ao Grupo de Pesquisa DIFEBA/UNEB e do plano de aula reconhecido nacionalmente em 2023 pela Ação Educativa do Fundo Malala, o qual está intitulado plano de aula "CART(a)GRAFIAS INTERGERACIONAIS: sexismo e racismo nas escolas"⁵.

Para respaldar esse minicurso faz-se necessário ancorar-se em: Silva, Salvadori e Ferraz (2023) Battistelli (2022), Deleuze e Guatarri (1997), Galeffi (2001), Messeder (2020) e Ronilk (2006). Assim, essa proposta implementada é sobretudo uma posicionalidade para apontar que os caminhos, as rotas e bifurcações, como pistas de uma proposta cart(a)gráfica que para além de mobilizar estratégias de implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08, busca transduzir, como

⁵ <https://generoeeducacao.org.br/mude-sua-escola-tipo/materiais-educativos/plano-de-aula/cartagrafias-intergeracionais-sexismo-e-racismo-nas-escolas/>

proprõe Teresinha Fróes (2017) e Sandra Corazza (2017), a linguagem dos aFÉtos em escrita criativas de cartas como travessia feminista, decolonial, difebiana na Bahia.

Inevitavelmente, destaca que a presente proposta expõe as dororidades do racismo que atravessa as relações étnicos-raciais como defende bell hooks (2017), ao apontar que mulheres ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, expondo corajosamente suas feridas para assim, oferecer guias como meio de mapear jornadas pedagógicas. Assim, ainda nos faz refletir o que Guacira Louro (2000) nos diz ao pensar que as questões problemas de gênero e sexualidade na educação só serão compreendidas quando a subjetividade das tantas professoras e profissionais da educação em sua feminização for vista, publicizada e produzida entre afetos alegres e tristes que atravessam a vida e pesquisa como pauta de vida e luta feminsita. O que Conceição Evaristo (2022) aponta quanto às questões étnicos raciais.

A avaliação do minicurso dar-se-á, portanto, pela elaboração das cartas às teóricas/pesquisadoras apontando como sua teoria e epistemologia pode se tornar prática pedagógica que se transcria de modo autoral e que pode subsidiar a implementação das leis 10.639/03 e 11.645/08, dentro da perspectiva ética defendida por Sílvia Tedesco (2010) em que se produz uma consensualização coletiva e co horizontalizada numa ética tecida com o outro. As cartas serão trocadas entre as/os/es participantes e autorizadas, se desejado pelo coletivo, a fim de promover a difusão do conhecimento propositivamente construído no momento.

ATIVIDADES INTERATIVAS:

Para a realização das atividades interativas, serão consideradas algumas questões estruturais fundamentais a seguir:

- a sala onde ocorrerá o minicurso deverá estar organizada em formato de semicírculo, permitindo livre circulação entre os participantes e facilitando a dinâmica coletiva;
- as paredes serão ambientadas com fotografias de mulheres negras teóricas, acompanhadas de suas biografias e das epistemologias que defendem, compondo um cenário que convida à escuta sensível e ao reconhecimento. Ao circular pelo espaço, o coletivo será convidado a compartilhar vivências, emoções e afetos encarnados, atravessados pelo momento de contato com essas intelectuais e suas trajetórias;

- essa experiência sensível e reflexiva culminará na produção de cartas autorais, que serão trocadas entre os participantes como gesto pedagógico e político de valorização dos saberes negros, feministas e decoloniais.

RESULTADOS ESPERADOS:

- Produção de cartas autorais como expressão de reconhecimento, afeto e elaboração crítica sobre as epistemologias de mulheres negras, promovendo uma escrita situada e engajada.
- Ampliação da consciência crítica dos participantes sobre o epistemicídio e a colonialidade do saber, a partir da vivência estética, sensível e política proporcionada pela ambientação e circulação na sala.
- Fortalecimento de práticas pedagógicas interseccionais e decoloniais, com potencial de replicação de uma multirreferencialidade situada e propositiva;
- Valorização de saberes e experiências plurais, especialmente as de mulheres negras, como forma de enfrentamento ao racismo estrutural e às desigualdades de gênero e geração.
- Criação de um espaço formativo horizontal e afetivo, que fomente a escuta, o diálogo e a construção coletiva de conhecimento, em consonância com os princípios da justiça epistêmica, curricular e racial.

DURAÇÃO:

04 (quatro) horas

Nº VAGAS:

15 (quinze)